

FILOSÓFO E PROVOCADOR

Giannotti em sua casa, em 2019

Referência em estudos sobre autores como Marx e Wittgenstein, José Arthur Giannotti legou uma obra original e formou gerações de investigadores

Christina Queiroz

Com uma trajetória intelectual de mais de 60 anos, José Arthur Giannotti construiu pontes entre a filosofia da lógica e da linguagem contemporânea e vertentes mais tradicionais da filosofia, como o marxismo e a fenomenologia, propondo interpretações e extraíndo consequências originais das obras de autores como Karl Marx (1818-1883) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951). Para além do legado filosófico, desempenhou papel central na estruturação de uma das mais importantes instituições de pesquisa na área de ciências humanas, formou gerações de investigadores científicos e participou ativamente do debate sobre temas políticos e culturais relevantes para a sociedade brasileira. Professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), morreu em 27 de julho, aos 91 anos. Deixou um filho e dois netos.

Giannotti nasceu em São Carlos e, aos 9 anos, mudou-se com os pais e dois ir-

mãos para a capital paulista. Em 1950, passou a cursar graduação em filosofia na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Seis anos depois obteve uma bolsa de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para estudar na Universidade de Rennes, na França, com o filósofo Gilles-Gaston Granger (1920-2016). De volta ao Brasil, em 1958 começou a lecionar filosofia da lógica na USP e coordenou um grupo multidisciplinar de estudo sobre *O capital*, de Marx. Em 1966, Giannotti prestou concurso de livre-docência, apresentando uma tese que resultou em seu primeiro livro, *Origens da dialética do trabalho – Estudo sobre a lógica do jovem Marx*. Em 1970, ele e outros professores da USP foram aposentados compulsoriamente, por razões políticas, pela ditadura militar (1964-1985). Com a demógrafa Elza Berquó, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso e outros fundou o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

(Cebrap), apoiado inicialmente pela Fundação Ford. Foi no Cebrap que Giannotti consolidou sua trajetória intelectual como filósofo, professor e polemista.

Além de seu primeiro livro, Giannotti dedicou ao pensamento de Marx trabalhos como *Marx, vida e obra* (L&PM, 2001) e *Certa herança marxista* (Companhia das Letras, 2001). Outros livros de destaque foram *Exercícios de filosofia* (Vozes, 1977), *Trabalho e reflexão: Ensaio para uma dialética da sociabilidade* (Editora Brasiliense, 1983), *O jogo do belo e do feio* (2005) e *Notícias no espelho* (Publifolha, 2011). Em 2020, aos 90 anos, lançou *Heidegger/Wittgenstein: Confrontos* (Companhia das Letras).

A simbiose entre história da filosofia e pensamento filosófico original é considerada uma das características de seu pensamento. “Valendo-se de seu conhecimento amplo da história da filosofia, Giannotti produziu uma obra original e consistente”, diz Luiz Henrique Lopes dos Santos, professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, membro das coordenações adjuntas da Diretoria Científica da FAPESP e interlocutor constante de Giannotti durante mais de meio século. “De um modo ou de outro, ele sempre buscou obsessivamente nos autores clássicos elementos para dar forma à sua ideia seminal, vislumbrada em *Origens da dialética do trabalho*, desenhada com nitidez em *Trabalho e reflexão* e redesenhada, sob o impacto da obra de Wittgenstein, em *Apresentação do mundo* e em seu último livro, *Heidegger/Wittgenstein: Confrontos*. É a ideia de que a trama de conceitos que baliza nosso contato racional com o mundo não está fundada em visões intelectuais ou atos de consciência, mas na esfera da vida prática, em que se formam e estabilizam certas regularidades básicas das ações e comportamentos humanos.”

Outra marca do pensamento de Giannotti é a ousadia. “Ele tinha muita admiração por Oswald de Andrade. Ele era um intelectual que tinha esse lado vanguardista e para ser vanguardista tem que ser um pouco iconoclasta”, afirma Vinícius Berlendis de Figueiredo, professor do Departamento de Filosofia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientando de Giannotti na iniciação científica,

mestrado e doutorado. De acordo com Figueiredo, em depoimento à *Agência FAPESP*, foi essa característica que o fez ser capaz de ir a fundo em várias questões, sem muito receio de contrariar certas correntes de pensamento. O filósofo Marco Zingano, da FFLCH-USP, destaca que, em seus textos, “Giannotti não apenas mostrava o estado da arte de determinadas questões filosóficas, mas ia além, identificando novos problemas e abrindo clareiras de reflexão”.

Para o filósofo Marcos Nobre, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que atualmente preside o Cebrap, Giannotti representa uma geração que profissionalizou a filosofia no Brasil, colaborando com os debates sobre a modernização da universidade. “Como mestre e amigo, ele era provocativo e não deixava ninguém se acomodar”, diz. O apreço pelo debate é lembrado pelos pares. “Da mesma forma que era um crítico ácido dos colegas e amigos, ele aceitava críticas como ninguém e, inclusive, adorava recebê-las. Ele tinha o gosto pela polêmica e acreditava que apenas pelo diálogo era possível aprender. Ele tinha um forte compromisso moral com a honestidade intelectual, acima da vaidade. E instilou esse compromisso em várias gerações de pesquisadores”, relatou Lopes dos Santos à *Agência FAPESP*.

Como presidente do Cebrap, Giannotti contribuiu para diversificar o campo de atuação do centro. Esther Hamburger, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e integrante das coordenações de área da Diretoria Científica da FAPESP, recorda que Giannotti assumiu a presidência da instituição com o projeto de ampliar e atualizar o escopo de pesquisas para incluir temas caros a pensamentos pós-estruturalistas, como a cultura e os movimentos sociais. Em 1986, Giannotti concebeu e coordenou, no Cebrap, um programa multidisciplinar para formação de quadros. Alunos de pós-graduação de diferentes áreas enviavam currículo e eram selecionados em entrevistas. “Muitos pesquisadores que são hoje de ponta nas áreas das humanidades passaram por esse programa. Todos aprenderam

com Giannotti a valorizar a pesquisa interdisciplinar. Ele tirava as pessoas de suas zonas de conforto. Todo mundo tinha pânico dele e ao mesmo tempo o amava”, sublinha Lopes dos Santos, que colaborou com Giannotti na iniciativa.

O filósofo João Carlos Salles, reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), recorda que Giannotti esteve inúmeras vezes em diversos estados, ministrando cursos e conferências. “Ele teve uma importância estruturante na filosofia em todo o Brasil”, avalia. “Giannotti foi um gigante intelectual. Além da enorme contribuição à filosofia e à política, estimulou o debate sobre a boa universidade pública, sempre elevando seu nível e valorizando o papel social do bom ensino superior”, afirma o engenheiro e físico Carlos Henrique de Brito Cruz, vice-presidente sênior de Redes de Pesquisa da

Elsevier e diretor científico da FAPESP entre 2005 e 2020.

Amigos há 50 anos, a cientista política Lourdes Sola, professora aposentada da FFLCH-USP, salienta que Giannotti procurava pensar filosoficamente a realidade política brasileira. “Há um mês, já fragilizado de saúde, se ofereceu para preparar uma pasta em minha casa, para rever dois amigos com quem mantínhamos conversas regulares”, relata Sola ao apontar, também, as habilidades culinárias do filósofo. Em sua residência ampla no bairro do Morumbi, Lopes dos Santos lembra que “Giannotti cozinhou para muitos expoentes da filosofia francesa, como Gilles-Gaston Granger e Michel Foucault [1926-1984]”.

A influência exercida por ele sobre seus colegas e alunos é salientada pela socióloga Ângela Alonso, da FFLCH-USP, ex-presidente do Cebrap e integrante das coordenações adjuntas da Diretoria Científica da FAPESP. “Giannotti foi uma força da natureza, pela personalidade, e da cultura, pela obra. Foi também um mestre exigente, não aceitava as ideias feitas nem os raciocínios fáceis e era contundente em suas críticas. Mas era também generoso, capaz de conversar por horas sobre o texto de um iniciante, sugerir novas leituras, ângulos, abordagens.” ■

Valendo-se de conhecimento da história da filosofia, Giannotti produziu uma obra original e consistente